

CARACTERIZAÇÃO DA FUMICULTURA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS-RS

AGOSTINETTO, Dirceu¹, PUCHALSKI, Luís E.A.¹, AZEVEDO, Roni de², STORCH, Gustavo², BEZERRA, Antônio J.A.², GRÜTZMACHER, Anderson D.²

¹UFRGS Faculdade de Agronomia da. Cx. Postal 776. CEP-91501-970, Porto Alegre-RS. (e-mail:dirceua@vortex.ufrgs.br) – Autor para correspondência, (e-mail: luisalski@zipmail.com.br)

²UFPEL- Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Campus universitário s/n Cx. Postal 354, 96010.900 Pelotas RS. (Recebido para publicação em 11/10/1999)

RESUMO

A garantia de comercialização da produção tem tornado a fumicultura uma das principais fontes de renda dos pequenos produtores rurais do município de Pelotas. No entanto, o uso excessivo de agrotóxicos e a elevada demanda de mão de obra são algumas das características do cultivo do fumo que permitem questionar os benefícios da fumicultura. Dessa forma, objetivou-se caracterizar o fumicultor, seu trabalho, sua unidade de produção, sua relação com a indústria. O método de estudo consistiu de entrevistas (128 questões) aplicadas a 94 fumicultores do município. Uma política agrícola inapropriada e instabilidade de mercado para as culturas tradicionais na região, incentivaram o crescimento da fumicultura entre os pequenos agricultores. Nesse sentido, percebeu-se a necessidade de desenvolver novas linhas de produção para esses agricultores, com intuito de reduzir os riscos de exclusão do meio rural.

Palavras-chave: fumicultor, trabalho, qualidade de vida, indústria fumageira.

ABSTRACT

THE CROP TOBACCO IN MUNICIPAL DISTRICT OF PELOTAS-RS. The guarantee of commercialization of the production has been turning the crop tobacco one of the main sources of income of the small rural producers of the city of Pelotas. However, the excessive use of pesticides and the high demand for workers are some of the characteristics of the tobacco culture that allow us to suspect about the real benefits of the tobacco production. This work had as objective to characterize the tobacco grower, its work, its property and its relationship with industry, as well as, to evaluate the advantages of the adoption of the tobacco production. The study method consisted of interviews (128 questions) applied to 94 tobacco growers of Pelotas. Inappropriate agricultural politics and market instability for the traditional crops in the area, motivated the growth of tobacco production among the small farmers. It was noticed the need to develop new production lines for those farmers, with the objective of reducing the risks of rural exodus, by the eventual reduction of the consumption of cigarettes due to the growth of anti-tobacco campaigns.

Key words: tobacco grower, work, quality life, agri-industry.

INTRODUÇÃO

A cultura do fumo (*Nicotiana tabacum* L.) no Rio Grande do Sul, em 1997, ocupou área de 149.012 ha, representando 45,6% do total cultivado no Brasil (IBGE, 1998). A implantação da cultura em Pelotas ocorreu na década de 60 e no ano de 1996 a área cultivada atingiu 2.422 ha (IBGE, 1996). A dificuldade de comercialização para produtos tradicionalmente cultivados no município (cebola, batata inglesa e milho) conduziu ao crescimento da fumicultura nas últimas décadas.

Embora seja, atualmente, uma das poucas alternativas para os pequenos produtores descapitalizados, a fumicultura tem sido questionada quanto às reais possibilidades de promover melhorias na qualidade de vida¹, principalmente devido ao uso excessivo de agrotóxicos, ao grande esforço físico exigido no manejo da cultura, especialmente no período de colheita, e à elevada demanda de mão de obra em determinadas épocas do ano.

A aplicação de agrotóxicos é a atividade de manejo da cultura que oferece maior perigo aos fumicultores e suas famílias. A elevada demanda de pulverizações exige cuidados com a segurança no trabalho através da utilização adequada de Equipamentos de Proteção Individual (EPI). A não utilização do EPI conduz a intoxicações crônicas e agudas que têm provocado vítimas entre as famílias dos fumicultores. Cerca de 6% dos fumicultores no município afirmaram já terem se intoxicado pelo uso inadequado de agrotóxicos (AGOSTINETTO *et al.*, 1998). O Sindicato da Indústria do fumo (SINDIFUMO) afirmou que a quantidade de agrotóxico tem diminuído nos últimos anos, pois atualmente seriam utilizados cerca de 6 kg de princípio ativo por hectare em cada safra e a cerca de 10 anos a quantidade era de 26 kg por hectare (INDÚSTRIA..., 1997).

No entanto, BLECHER (1996), relatou que fumicultores gaúchos utilizavam cerca de 15 kg de princípio ativo por hectare. Há obviamente uma contradição entre o que alega o sindicato das indústrias e o jornalista enviado especial do Jornal Folha de São Paulo. No entanto, evidente é o fato de que o consumo de agrotóxicos na fumicultura ainda é extremamente elevado oferecendo riscos à vida dos fumicultores e suas famílias. A indústria normalmente fornece o EPI aos fumicultores e tem trabalhado pela redução no uso de agrotóxicos, no entanto, a utilização dos mesmos ainda ocorre em larga escala e a maioria dos fumicultores não estão devidamente habilitados para o manuseio.

Pacotes tecnológicos são utilizados como base de relação entre as indústrias e os agricultores, gerando dependência dos últimos. No entanto, faltam alternativas ao pequeno agricultor, pois a baixa rentabilidade das culturas tradicionais, aliada a descapitalização e à dificuldade de acesso ao crédito conduzem à produção de fumo. A remuneração da produção tem por base a classificação final do fumo, que é regulamentada por portarias do Ministério da Agricultura e do Abastecimento e realizada na indústria fumageira. Esse sistema de classificação constitui-se em outro fator que contribui para questionamentos, principalmente por parte dos próprios fumicultores que se sentem prejudicados em muitos casos.

Dessa forma, objetivou-se caracterizar o fumicultor, seu trabalho, sua unidade de produção e sua relação com a indústria fumageira.

MATERIAL E MÉTODOS

O material foi constituído de fumicultores (cerca de 10% do total do município de Pelotas, RS) distribuídos nos 3^o, 6^o, e 10^o distritos, período de julho-setembro de 1997. Os fumicultores foram entrevistados com base num questionário modelo composto por 128 questões.

O questionário apresentou quatro blocos de questões, sendo o primeiro bloco referente à produtividade da lavoura, área total da unidade de produção, e ocupada com fumo, reflorestamento, mata nativa e lavouras anuais ou perenes. O segundo bloco versou sobre o grau de escolaridade e faixa etária do fumicultor e sua família, condição fundiária, número de pessoas que residem na unidade de produção. O terceiro bloco referiu-se ao tempo de integração com a indústria fumageira e serviços oferecidos pela mesma, critérios de classificação, nível de satisfação e principais problemas da integração fumicultor e indústria. O quarto bloco versou sobre o trabalho na cultura do fumo, apresentando questões referentes à produção e transplante de mudas, colheita e classificação. Na interpretação dos dados utilizou-se análise estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização das Unidades de Produção

As unidades de produção analisadas apresentaram área total média de 23,4 ha, sendo a área com lavoura de fumo de 2,9 ha (Tabela 1). Os resultados são semelhantes aos observados por PAULILO (1990) que revelam uma área total média de 22 ha por unidade de produção nas regiões produtoras de Santa Cruz do Sul (RS) e Içara (SC). Segundo o referido autor, a área média de fumicultura era de 2,3 ha. A semelhança entre os dados revela uma das principais características da fumicultura na região Sul do Brasil, que é a predominância de pequenas unidades de produção. A área das lavouras oscila em torno dos dois ha principalmente em função da elevada demanda por força de trabalho.

Cerca de 12% das unidades de produção estudadas apresentaram área inferior a 10 ha e 42,6% oscilaram entre 20 e 50 ha. Os dados médios para o Rio Grande do Sul revelam que cerca de 39% das unidades de produção possuem área inferior a 10 ha e 24% oscilam entre 20 e 50 ha (Tabela 2).

Percebe-se que no município há menor quantidade de pequenas unidades de produção (menores do que 10 ha) em relação ao Estado. Embora quase metade das unidades de produção no município tenham área entre 20 e 50 ha, as lavouras não são maiores do que a média do Estado devido à limitação de mão de obra no período de colheita e aos contratos estabelecidos com as indústrias.

TABELA 1 – Utilização das áreas nas unidades de produção produtoras de fumo do município de Pelotas, RS, Faculdade de Agronomia “Eliseu Maciel”/UFPel, 1997

Atividade	Área média (ha)
Fumo	2,9
Lavouras anuais	5,8
Lavouras perenes	0,1
Pastagens	1,9
Floresta nativa	2,7
Reflorestamento	2,4

A maioria das unidades de produção estudadas possuía apenas uma estufa, o que seria suficiente para uma área de aproximadamente 2,3 ha de lavoura com fumo, considerando-se a produtividade média observada. Uma estufa consome cerca de 80m³ de lenha por safra, sendo geralmente usada lenha de eucalipto (PAULILO, 1990). Segundo o autor a produtividade obtida de uma floresta de eucalipto é de 400m³.há⁻¹. Considerando-se que essa produtividade seja alcançada numa floresta de sete anos, seria necessário 1,4 ha para cada estufa. No entanto, o produtor normalmente não realiza o manejo adequado das florestas e o rebrote das áreas cortadas não apresenta a mesma produtividade, fazendo com que seja necessário área inicial maior ou ampliação do reflorestamento a cada ano. A área com reflorestamento observada foi de 2,4 ha (Tabela 1), o que considera-se adequado levando em conta a área média com fumo (2,9 ha), para a qual, seria necessário cerca de 1,8 ha de floresta. Desta forma, o reflorestamento é uma das contribuições da fumicultura. Segundo FARIAS (1997) a área com florestas exóticas, plantadas em função da fumicultura, atinge cerca de 110 mil hectares na região Sul do Brasil.

TABELA 2 – Distribuição da área das unidades de produção produtoras de fumo no município de Pelotas, RS, Faculdade de Agronomia “Eliseu Maciel”/UFPel, 1997

Área (ha)	Rio Grande do Sul ¹		Pelotas	
	Nº unidades de produção	%	Nº unidades de produção	%
0 – 5	9.350	15,8	2	2,1
5 – 10	13.890	23,4	9	9,6
10 – 20	19.698	33,3	38	40,4
20 - 50	14.237	24,0	40	42,6
Mais de 50	2.073	3,5	5	5,3

¹ Fonte: IBGE, 1996

A cultura do fumo ocupou em média 12% da área total das unidades de produção estudadas. No entanto, ao considerar-se a área agricultável esse percentual se eleva, mesmo assim, verificou-se disponibilidade de terras para outros cultivos na maioria das unidades de produção. A diversificação na produção foi observada nas unidades de produção estudadas, pois cerca de 47% dos fumicultores do

município são também produtores comerciais de cebola, 37% de morango, 30% de batata e 18% de milho. Observou-se ainda cultivos de subsistência, predominando feijão e batata.

A diversificação é uma necessidade dentro da concepção de uma economia globalizada e permite ao produtor colheitas de diversos produtos ao longo do ano, viabilizando o aproveitamento da área disponível e conseqüente aumento de

renda. Além disso, o fato do fumo ser uma cultura sazonal permite o aproveitamento da força de trabalho ociosa em épocas do ano nas quais a cultura é pouco exigente nesse fator de produção. No entanto, os fumicultores relataram que a oscilação de demanda e preços entre safras sucessivas impedem a dependência exclusiva das culturas tradicionais no município (cebola, batata inglesa e milho). Nesse contexto, é importante salientar que as empresas fumageiras têm um controle da área plantada e podem evitar oscilação na produção e, assim, permitir uma maior regularidade nos preços. A garantia dos preços e da aquisição do produto são os maiores atrativos da fumicultura segundo relataram os produtores.

Além da diversificação, a prática de sucessão de culturas ao fumo também foi observada. Além de incrementar a renda, a sucessão proporciona aproveitamento da adubação residual do fumo, proteção do solo à erosão e redução da incidência de pragas, doenças e plantas daninhas. Entre os fumicultores entrevistados, 19,2% realizam sucessão de cultura, semeando milho após o fumo. Além disso, os fumicultores citaram ainda aveia, azevém, gorga, tremoço e ervilhaca como culturas de sucessão.

No que se refere às benfeitorias da unidade de produção, observou-se que 55,3% das moradias tinham idade superior a 20 anos, 22,3% superior a 50 anos e apenas 7,4% igual ou inferior a 5 anos. A idade média das casas era de 35 anos, revelando reduzido poder de investimento dos fumicultores em melhorias que poderiam lhe proporcionar maior conforto e qualidade de vida. A área média das casas era de 105 m² e o número médio de habitantes por residência de 6 pessoas, proporcionando área de 17,5m² por morador. Cerca de 6% das casas tinham área menor que 50 m². Nesse universo a área média era de 39 m² e o número médio de moradores também de 6 pessoas, o que proporcionava uma área média por morador de 6,5 m². Embora a área média de moradia por habitante não seja um indicador usual de qualidade de vida, os dados acima revelam uma variação considerável no universo estudado, o que permite supor um desequilíbrio na qualidade de vida dos fumicultores do município.

Com relação à água consumida pelas famílias dos fumicultores, verificou-se que em 88,3% das unidades de produção o reservatório constitui-se das chamadas cacimbas superficiais que não impedem a entrada da água proveniente de escoamento superficial da água das chuvas. As cacimbas ficam localizadas próximo das casas que, muitas vezes, estão a poucos metros das lavouras de fumo. Cerca de 68,1% das casas dos fumicultores situavam-se a menos de 100 m da lavoura. O escoamento superficial nestas condições conduz a contaminação da água por resíduos de agrotóxicos ou fertilizantes químicos. Para agravar o problema, 47,9% dos fumicultores afirmaram ter percebido mudança de gosto, cor ou odor nas águas destinadas ao consumo e 86,7% dos mesmos nunca realizou análise desta água para verificação de sua adequabilidade.

Caracterização do Fumicultor

Quanto à posse da terra observou-se que 94,7% dos fumicultores são proprietários ou filhos destes e apenas 5,3% são agregados ou arrendatários. A relação entre o agregado e o dono da terra (patrão) é de parceria. Geralmente o patrão custeia a metade da despesa do fumo e recebe a metade da produção.

A renda *per capita* com a cultura do fumo, considerando-se a produtividade média observada na safra 1996/97 (135,3 arrobas há⁻¹), a área média de lavoura por unidade de produção (2,9 ha), o valor médio por arroba (R\$ 29,10)

(Anuário Brasileiro do Fumo, 1998) e o número médio de moradores por unidade de produção (6), foi de R\$ 158,60 morador⁻¹.mês⁻¹. Esta renda *per capita* propiciada pela fumicultura é considerada "suficiente" por 35,1% dos fumicultores que afirmaram que não estariam mais residindo no meio rural não fosse sua opção pela cultura do fumo. Destes, 84,8% eram proprietários e 15,8% agregados. Para os agregados, a renda *per capita* corresponde à metade do que obtêm os proprietários (cerca de R\$ 79,00 morador⁻¹.mês⁻¹).

No que se refere à escolaridade, 97,8% dos fumicultores não concluiu o primeiro grau e destes, 66,3% cursou até a quarta série primária (Figura 1). O baixo nível de escolaridade constitui-se num dos fatores que contribuem para o aumento dos riscos de intoxicação por agrotóxicos, devido à maior dificuldade de leitura, o que interfere na interpretação do rótulo dos produtos, e na menor conscientização dos riscos de exposição aos mesmos.

Dos fumicultores entrevistados, 52,1% realizam a leitura dos rótulos de agrotóxico apenas ocasionalmente e 7,4% não adotam esse procedimento. Além disso, a baixa escolaridade restringe a atuação dessa mão de obra não especializada no mercado de trabalho. Essa restrição praticamente obriga esses produtores a se manterem em suas unidades de produção e torná-las minimamente rentáveis para sobrevivência de suas famílias. A baixa escolaridade dos fumicultores é citada também em outras regiões produtoras (Almeida & Soares, 1992).

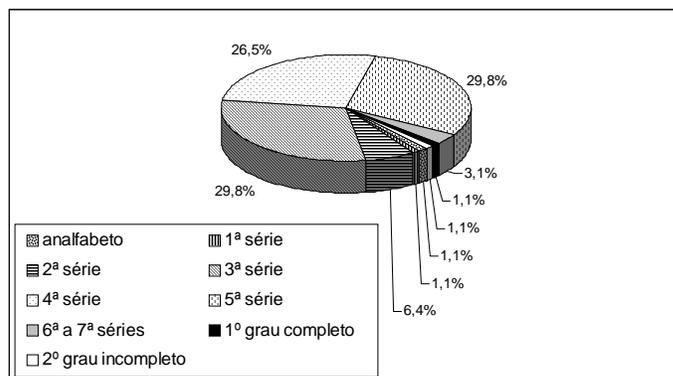


Figura 1. Escolaridade dos fumicultores do município de pelotas, RS, Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel" /UFPEL, 1997

Em relação à faixa etária, verificou-se que 98,9% dos fumicultores tinham idade entre 17 e 60 anos, sendo a média de 41 anos. Considerando-se a idade média dos fumicultores e que somente 14,9% dos mesmos são filhos do proprietário da terra, constata-se que a faixa etária é elevada, demonstrando desinteresse dos jovens pela atividade agrícola. Além da elevada média de idade dos produtores rurais, há normalmente um severo processo de diferenciação da permanência no meio rural, evidenciado pelo fato de que as filhas dos agricultores deixam o campo antes e numa proporção maior que os filhos. Em estudo realizado pelo CEPAL (1995), verificou-se que existem na América Latina 5,2 milhões de homens a mais que mulheres no meio rural. Silvestro & Cortina (1998), em Santa Catarina, observaram que existiam 1,7 rapazes para cada moça, indicando a existência de um severo processo de masculinização do meio rural, o que pode acelerar ainda mais o êxodo rural juvenil, comprometendo desta forma a continuidade da agricultura familiar.

As famílias de agricultores possuem força de trabalho suficiente, apesar desta cultura ser muito exigente nesse fator de produção. Cada fumicultor entrevistado tinha, em média, três filhos. No entanto, a participação desses nos trabalhos com o fumo contribui para que esses jovens tenham dificuldades de dedicar-se à escola, limitando a perspectiva de atuação dos mesmos no mercado de trabalho e comprometendo a qualidade de vida.

Relação do Fumicultor com a Indústria Fumageira

A entrada da fumicultura no município de Pelotas ocorreu na década de 60 ocupando a partir de então áreas que eram destinadas principalmente à produção de cebola, feijão preto e batata. A empresa Souza Cruz, pioneira na implantação do fumo de estufa na região, permaneceu praticamente sozinha por longo período. Atualmente, outras indústrias atuam no município, no entanto, 60% dos entrevistados ainda trabalham em parceria com a Souza Cruz. Com relação ao tempo de indústria, verificou-se que 40,4% dos fumicultores são integrados a mais de 10 anos com a mesma empresa. No entanto, cerca 36% dos fumicultores entrevistados estão trabalhando com a mesma indústria a menos de 5 anos e destes, apenas 18% trabalham com a empresa Souza Cruz, o que demonstra o crescimento da atuação de novas empresas no município, principalmente na última década.

No que se refere aos serviços prestados pela indústria, a assistência técnica foi citada por 94,7% dos entrevistados. Além disso, 98,9% dos fumicultores relataram que os insumos para a lavoura também são fornecidos pela indústria fumageira. Em relação aos equipamentos, 85,1% dos fumicultores relataram que os adquirem via indústria.

Normalmente a indústria, através de seus representantes, procura o produtor incentivando-o a cultivar o fumo. Dos entrevistados, 60% afirmaram terem sido procurados pela atual empresa com a qual trabalham. No entanto, cerca de 34% dos fumicultores afirmaram terem procurado as empresas com a qual estavam trabalhando nas últimas safras. O contrato firmado entre a indústria fumageira e o fumicultor é válido por um ano. Antes do final de cada safra o instrutor (responsável pela assistência técnica), visita o fumicultor e propõem um pedido de insumos para a safra seguinte. Este pedido, segundo os fumicultores, tem por objetivo evitar a migração para outra empresa, pois antes mesmo de receber o valor da safra anterior ele já estará comprometido para a safra seguinte. Para as empresas, este pedido tem o objetivo de fornecer uma estimativa da área a ser cultivada na próxima safra.

O grau de satisfação dos fumicultores com o sistema de integração foi bastante variável (Figura 2). Dentre os principais motivos de insatisfação com a indústria, a classificação final do fumo foi o mais citado (23,4% dos entrevistados). A classificação na unidade de produção é realizada pelo próprio fumicultor separando as folhas em 4 classes que estão diretamente relacionadas com a posição que as folhas ocupam na planta. Para cada classe o fumicultor classifica as folhas por cor e tamanho. As indústrias classificam as folhas em 48 classes, utilizando mecanismo com luzes que geralmente gera uma classificação diferente da realizada pelo fumicultor. Apesar da insatisfação com o sistema de classificação, observada por quase 1/4 dos fumicultores entrevistados, quando perguntados se o preço pago pela indústria remunera satisfatoriamente, 70,2% responderam que sim ou pelo menos que, na maioria das vezes.

O preço dos diferentes tipos de fumo são determinados em encontros realizados entre o sindicato das indústrias de

fumo e as entidades representativas dos fumicultores (Afubra, Fetag, Farsul, Fetaep, Faep, Fetaesc e Faesc). O cálculo do custo de produção baseia-se no valor dos insumos, lenha, seguro/funrural, depreciações e remuneração da mão de obra entre outros (CUSTO..., 1998).

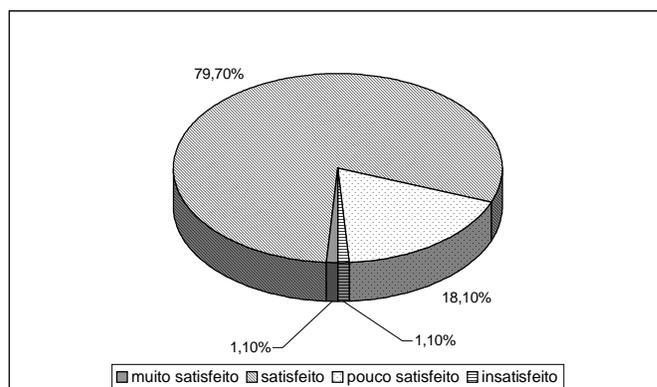


Figura 2 – Grau de satisfação dos fumicultores do município de Pelotas-RS com a indústria fumageira, Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel" UFPel, 1997.

Trabalho Na Fumicultura

A fumicultura é bastante exigente em termos de força de trabalho, sendo que seu ciclo produtivo dura cerca de 10 meses, dividindo-se basicamente nas fases de produção de mudas e de campo. Os canteiros para semeadura são preparados no final de maio e meados de junho, exigem 3 semanas de trabalho e ocupam, em média, dois membros da família. No ano de 1997 nenhum dos fumicultores entrevistados estava utilizando o sistema de produção de mudas em bandejas (*float*) que substitui progressivamente o sistema de semeadura em canteiros em virtude da proibição do uso de brometo de metila utilizado para esterilização do solo. Para cada hectare de lavoura (aproximadamente 16 mil pés), eram necessários três canteiros com 40 m².

Nos canteiros, a germinação do fumo ocorre em torno de 15 dias após a semeadura e o transplante de mudas para o campo é realizado em setembro. Além da adubação de base na lavoura, efetuam-se duas a três adubações de cobertura, sendo a capina realizada de acordo com a ocorrência de plantas daninhas.

O início da colheita ocorre cerca de 60 dias após o transplante, ocasião na qual realiza-se a retirada das inflorescências (capação). O período de colheita compreende cerca de oito coletas de folhas, estendendo-se até março. Durante o período de campo são realizadas aplicações de agrotóxicos, sendo o número variável em função das condições meteorológicas.

O período com maior demanda de força de trabalho é a colheita (citado por 100% dos fumicultores). Segundo Paulilo (1990), são necessárias de quatro a seis pessoas dedicadas em tempo integral para dar conta de 2 a 2,5 ha de área cultivada. A jornada média de trabalho observada no município, na época de colheita, foi de 15,6 horas dia¹. Considerando-se essa jornada diária que prolonga-se por aproximadamente 3 meses e uma jornada estimada de 10 horas para os demais meses de cultivo, verifica-se que a cultura do fumo exige 436,9 jornadas anuais de trabalho por unidade de produção, ou seja, cerca de 152 jornadas por hectare. Segundo Liedke (1977) são necessários 240 jornadas

por hectare e trabalho realizado pelo CEBRAP (1980) cita 214 jornadas por hectare.

Após a colheita o fumo é separado em feixes que são tecidos em vara de madeira ou bambu. O processo de secagem é dividido em quatro fases: na primeira a temperatura interna da estufa é mantida a 80-90 °F por 48 horas para que o fumo fique amarelecido; na segunda fase que leva em torno de 24 horas a temperatura é elevada para 130-140 °F para que a folha seque; a terceira fase é a de secagem do talo da folha com temperatura de 175°F por um período médio de 16 horas; a quarta fase é a de esfriamento do fumo, que deve ser lento, levando cerca de 10 horas. A temperatura em cada uma das fases não pode variar muito, pois pode comprometer a qualidade final do produto.

Do ponto de vista da mecanização, a fumicultura não demanda de utilização de máquinas, exceto teceadeiras, porém na maioria das unidades de produção do município, o trabalho de tecer era realizado manualmente. A reduzida utilização de máquinas é característica da fumicultura, sendo que aproximadamente 60% dos custos de produção estão ligados à demanda de força de trabalho (CUSTO..., 1998).

CONCLUSÕES

Apesar da excessiva demanda de força de trabalho e do constante contato com elevada quantidade de agrotóxicos, a inexistência de alternativas economicamente viáveis para o agricultor familiar o torna dependente da fumicultura.

A reduzida escolaridade dos fumicultores, o fato de seus filhos estarem abandonando a produção primária, a idade avançada das moradias, a falta de cuidado com a água destinada ao consumo e a situação de dependência à indústria fumageira são indicadores de que a fumicultura não promove reais melhorias na qualidade de vida dos pequenos agricultores do município de Pelotas. A produção do fumo constitui-se alternativa viável de manutenção na zona rural para muitos pequenos agricultores, visto que, sem a adoção dessa cultura, a maioria dos entrevistados já teria desistido da agricultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINETTO, D.; PUCHALSKI, L.E.A.; AZEVEDO, R. *et al.* Utilização de equipamentos de proteção individual e intoxicações por agrotóxicos entre fumicultores do município de Pelotas – RS. **Pesticidas: R. Ecotoxicologia e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 8, p.45-56, 1998.
- ALMEIDA, J.A.; SOARES, D.M. Análise das Variáveis Sociais na Questão do Uso dos Agrotóxicos: O Caso da Fumicultura. **Ciência & Ambiente**, [S.l.], v.3, n. 4, p.85-104, 1992.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DO FUMO. 1998. [S.l.]: Gazeta Grupo de Comunicações, 1998. 103p.
- BLECHER, B. Suicídios apavoram as cidades do fumo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 20 de novembro de 1996.
- CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). **Notas para o estudo da expansão do capitalismo em Santa Cruz do Sul**. São Paulo: [s.n.], 1980. 245p.
- CEPAL. **Desarrollo rural sin jóvenes?** Santiago do Chile: [s.n.], 1995. 23p.
- CUSTO de produção estável mantém preço na safra 97/98. **Sindifumo em Folha**. Santa Cruz do Sul, fevereiro 1998.
- FARIAS, J. Reflorestamento é uma das características da fumicultura. **Sindifumo em Folha**. Santa Cruz do Sul, junho 1997.
- IBGE. **Levantamento sistemático da produção agrícola**: pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil. Rio de Janeiro: DEDIT/CDDI, 1998. 76p.
- IBGE. **Censo Agropecuário 1996**. Disponível na Internet. _HYPERLINK <http://www.sidra.ibge.gov.br> em 15 jul. 1999.
- INDÚSTRIA tem interesse no fumo sem agrotóxico. **Sindifumo em Folha**. Santa Cruz do Sul, outubro 1997.
- LIEDKE, E.R. **Capitalismo e camponeses: relações entre indústria e agricultura na produção de fumo no Rio Grande do Sul**. Brasília: UnB. 1977. 130f. Dissertação (Mestrado em Sociologia – Instituto de Ciências Humanas) – Universidade de Brasília, Brasília, 1977.
- PAULILO, M.I.S. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos**. Florianópolis: UFSC, 1990. 182p.
- SILVESTRO, M.L.; CORTINA, N. **Desenvolvimento rural sem jovens? Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 11, n. 4, p.5-8, 1998.